



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MICHEL FRANCKLIN SILVA

**FUTEBOL FEMININO NO BRASIL FACE A UM
CENÁRIO ESPORTIVO DOMINADO POR HOMENS**

SÃO LUIS - MA

2021

MICHEL FRANCKLIN SILVA

**FUTEBOL FEMININO NO BRASIL FACE A UM
CENÁRIO ESPORTIVO DOMINADO POR HOMENS**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado Educação Física.

Orientador: Prof.^a Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra.

SÃO LUÍS - MA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Francklin Silva, Michel.

FUTEBOL FEMININO NO BRASIL FACE A UM CENÁRIO ESPORTIVO
DOMINADO POR HOMENS / Michel Francklin Silva. - 2021.

54 f.

Orientador(a): Alex Fabiano Santos Bezerra.

Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Dificuldades. 2. Futebol. 3. Mulheres. I. Santos
Bezerra, Alex Fabiano. II. Título.

MICHEL FRANCKLIN SILVA

**FUTEBOL FEMININO NO BRASIL FACE A UM
CENÁRIO ESPORTIVO DOMINADO POR HOMENS**

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal do Maranhão, como
pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado Educação Física.

Aprovado em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra
Orientador

1º Examinador
Profª Drª Elizabeth Santana Alves de Albuquerque

2º Examinador
Profº Carlos Augusto Scansett Fernandes

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.”

(Jean Piaget)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por ter me dado forças e me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho, como também a ter chegado a etapa final do curso.

Aos meus pais, Edinaldo Silva e Lourizete Silva, que sempre me incentivaram nos momentos difíceis, onde eu sempre tive apoio e sempre me ensinaram a não desistir dos meus objetivos. Sempre estiveram me assistindo em todas as fases do curso e compreenderam as minhas ausências enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Às minhas filhas, Maria Isabela e Heloísa, elas são as minhas maiores fontes de inspiração, a elas que me fizeram descobrir o amor verdadeiro, o maior sentimento que um ser humano pode ter por outra pessoa, por elas eu nunca desistir e por elas eu vou sempre prosseguir nas buscas de melhores dias pra gente.

Ao meu irmão, Marcos Guilherme Silva, a quem eu considero meu melhor amigo, aquele que junto aos meus pais, eu tenho certeza que sempre posso contar. Obrigado pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei.

Ao meu professor orientador, Prof.^a Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra, pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo da construção do trabalho de conclusão de curso, mas não só aqui, como também durante todo o curso. Professor que sempre estendeu as mãos aos alunos que o procuraram. Suas contribuições dadas, tanto em sala de aula como também fora do ambiente universitário, é um modelo ao qual pretendo seguir quando na carreira de professor.

À grande amiga, Edyla Caroline, que teve papel importantíssimo, nessa fase final de conclusão de curso. Obrigado pelo suporte, pela amizade, pela experiência cedida no apoio a esse trabalho, tua participação foi imprescindível para que pudesse chegar até aqui.

RESUMO

Prática do futebol feminino no Brasil diante de um cenário esportivo dominado por homens. O estudo teve por objetivo geral estudar a realidade do futebol feminino no cenário esportivo do Brasil a partir dos principais veículos de publicações científicas do país. Como objetivo específico procurou-se: levantar as publicações sobre o assunto presentes em livros, revistas especializadas e base de dados científicos no país; apontar as principais dificuldades encontradas no futebol praticado por mulheres no Brasil. Os resultados apontaram que mesmo com todo o histórico de conquistas da mulher dentro do futebol, ainda existe diversos fatores que impedem sua entrada como um todo no esporte, fatores esses como o preconceito e a erotização do seu corpo, assim não sendo reconhecidas pela sua excelência e sim por mero preceitos estéticos, a falta de incentivos e financiamentos não permitindo assim o crescimento de grandes jogadoras que muitas vezes não tem clube fixo e nem mesmo onde treinar e também a falta de visibilidade na mídia, que é o principal fator que aumenta a desvalorização do futebol feminino. Conclui-se que para o futebol feminino ter o reconhecimento que merece falta acima de tudo incentivo tanto governamental como das mídias, que são a principal influência para conseguir os devidos recursos que deslanchariam a visibilidade da mulher no meio futebolístico.

Palavras chave: Futebol. Mulheres. Dificuldades.

ABSTRACT

Practice of women's football in Brazil in a sporting scenario dominated by men. The study had as general objective to study the reality of women's football in the Brazilian sports scene from the main vehicles of scientific publications in the country. As a specific objective, it was sought to: raise publications on the subject present in books, specialized magazines and scientific databases in the country; to point out the main difficulties found in soccer played by women in Brazil. The results showed that even with all the history of women's achievements in football, there are still several factors that prevent them from entering the sport as a whole, factors such as prejudice and the eroticization of their body, thus not being recognized for their excellence but for mere aesthetic precepts, the lack of incentives and funding, thus preventing the growth of great players who often do not have a fixed club or even where to train and also the lack of visibility in the media, which is the main factor that increases the devaluation of women's football. It is concluded that for women's football to have the recognition it deserves, above all, there is a lack of incentives from both the government and the media, which are the main influence to obtain the necessary resources that would boost the visibility of women in the football field.

Keywords: Football. Women. Difficulties.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE E NO ESPORTE.....	12
3	REALIDADE DO FUTEBOL FEMININO BRASIL	20
4.	DESAFIOS E DIFICULDADES NA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO	29
5.	METODOLOGIA.....	43
6.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

A sociedade é marcada pela construção de imagens e de modelos sociais e culturais, o fato da estrutura familiar ser patriarcal e as diferenças morfológicas entre os sexos, masculino/feminino, fizeram com que a imagem de submissão e restrições culturais fossem dadas as mulheres. Muitas vezes adjetivadas de “sexo frágil” por possuírem características físicas e psicológicas diferentes dos homens, as mesmas exerciam na sociedade o papel de mãe, e eram restritas ao núcleo e convívio familiar (NAVES et al., 2011). No Brasil, até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães. (GOELLNER, 2005)

A inserção das mulheres brasileiras no mundo do esporte data de meados do século XIX. Já os primeiros registros do futebol feminino remetem à década de 1920, como é o caso do jogo ocorrido entre Senhoritas Tremembenses x Senhoritas Cantareirenses, esse jogo foi o início do futebol feminino no Brasil, porém visto pela mídia como comédia (Jornal dos Sports, 19/05/1931). Um dos marcos atuais da participação da mulher no meio esportivo foram os Jogos Olímpicos de Atenas de 2004, na mídia esportiva não foram poucas as referências a essa “conquista”, cujas afirmativas, muitas vezes, ressaltavam o quanto as mulheres avançaram nesse território tido como de prevalência masculina (GOELLNER, 2005).

Mesmo diante do espaço conquistado ao longo deste século, a participação feminina representa apenas uma das faces do discurso sobre as relações de gênero que se espelha no esporte. Ela é peça de uma engrenagem maior e mais complexa que se encontra presente em todos os nichos sociais e contribui para reproduzir as relações de gênero no esporte.

Apesar do aumento da visibilidade da mulher no futebol, vale ressaltar que nem sempre foram – e algumas vezes ainda não são – iguais as condições de acesso e participação das mulheres. Se compararmos a prática feita por homens, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, na visibilidade midiática, nas premiações recebidas, entre outras. Ou seja, ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração (GOELLNER, 2005).

Ao discutir o futebol praticado por mulheres incitamos que a noção de preconceito nesse esporte é ainda recorrente, e que abrange preconceitos, sexualidade, tempo destinado nas mídias, apoio financeiro, e competições. No entanto, outra noção que acompanha as reflexões acerca do futebol feminino é a noção de resiliência, ou mesmo, de força de vontade para se manterem na prática mesmo com tantos fatores contrários (SALVINI; MARCHI, 2016).

Apesar dos bons resultados, o futebol feminino brasileiro convive com uma realidade desfavorável a sua popularização e prática como a falta de clubes e escolinhas, competições e patrocínio, divulgação na mídia, um melhor desenvolvimento nas escolas e principalmente o preconceito, a discriminação e estereótipos, tais como a associação de sua imagem à homossexualidade ou os perigos do choque da bola para a sua saúde reprodutiva. Assim, a mulher brasileira foi escrevendo sua história que se confunde com a luta pela emancipação feminina, entre altos e baixos, aos poucos com muita garra e luta, foi ao jogo.

Geralmente a mulher é lembrada pela mídia por sua sensualidade e beleza e não por seu desempenho esportivo. Os meios de comunicação dedicam em sua programação pouco espaço aos esportes femininos e quando isso acontece, não menciona seu talento, mas seu comportamento e sua imagem. Isso vale também para as árbitras e técnicas (SUGIMOTO, 2003).

Diversos acontecimentos contribuíram para o atraso do futebol feminino no Brasil em relação ao masculino, sabe-se que as condições em que nos deparamos hoje, são fruto de muitos conflitos e mudanças, que juntos resultaram na situação atual que necessita ser repensada para que a mulher possa ocupar o seu espaço de direito nesse mundo do futebol considerado essencialmente masculino.

A escolha do tema abordado neste trabalho se deu através das dificuldades ainda presentes no futebol feminino, mesmo em meio ao reconhecimento atual e do histórico de conquistas ao longo do tempo, notou-se uma necessidade de fazer uma coletânea de dados bibliográficos onde se relatasse quais são os obstáculos ainda enfrentados.

O estudo teve por objetivo geral estudar a realidade do futebol feminino no cenário esportivo do Brasil a partir dos principais veículos de publicações científicas do país. Como objetivo específico procurou-se: levantar as publicações sobre o assunto presentes em livros, revistas especializadas e base de dados científicos no

país; apontar as principais dificuldades encontradas no futebol praticado por mulheres no Brasil.

O presente estudo norteou-se a partir do histórico da inclusão das mulheres no universo do futebol. Sendo a intenção deste trabalho fazer uma revisão do conhecimento disponível na literatura científica sobre a busca do espaço da mulher no futebol, mostrando a estrutura e cenário do futebol praticado por mulheres, as dificuldades encontradas e o reconhecimento da sociedade sobre essa prática.

O estudo justifica-se pela necessidade de discutir amplamente a temática dentro da área da Educação Física, sendo na escola o espaço maior de possibilidade de amplitude e ressignificar os conceitos e estereótipos repassados ao longo dos anos sobre a prática do futebol para as mulheres. Entendemos que muitos avanços tivemos nos últimos tempos, mas que é necessário, repensar essa prática em todos os espaços de convívio das pessoas, sendo a escola o espaço mais privilegiado para tal.

Os professores de Educação Física são os grandes incentivadores da prática do futebol feminino, porém, ainda se encontra resistência na própria família das praticantes. Tem-se observado muito enfrentamento por parte das mulheres para manter essa prática, pois socialmente, a elas são atribuídos muitos papéis, os quais não se alinham a uma prática esportiva independente da modalidade.

O texto monográfico apresenta um ordenamento em capítulos, em que inicialmente apresenta-se a evolução da participação da mulher no cenário social e no esporte. Em seguida traz-se a realidade do futebol feminino no Brasil, a metodologia, os resultados do estudo e a conclusão.

2. EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE E NO ESPORTE

A mulher sempre teve um papel conservador, sendo a inocência, a pureza, e a castidade, comportamentos considerados adequados e destinados ao público feminino. Na Antiguidade, embora houvesse a responsabilidade compartilhada, em um cenário onde era possível observar a colaboração, a ajuda mútua, a coletividade e a harmonia em busca do sustento e do bem comum para todos os membros da comunidade, era incumbência da mulher os afazeres domésticos, uma tarefa considerada tão importante assim como a busca pelo alimento era para os homens (MARQUES; AMORIM; 2015).

Aos poucos, as mulheres foram se inserindo e conquistando posições de maior poder e prestígio nos mais diversos setores profissionais e hoje se encontram quase que em igualdade com os homens no mercado profissional. Estas mudanças foram, em grande parte, decorrentes dos Movimentos Feministas da década de 1960, que “desnaturalizaram” as antigas identidades de homens e mulheres, questionando esferas da vida social as mais diversas – como a família, a sexualidade, a divisão sexual do trabalho público e doméstico, entre outras (JABLONSKI, 1991).

A literatura que aborda a história dos movimentos de luta das mulheres em busca da dignidade e do reconhecimento social em situação de igualdade em relação aos homens, podemos encontrar frequentemente alusão às conquistas que foram sendo alcançadas em diversas culturas, não sem pouco sofrimento, resistências e martírios (BORGES, et al., 2006).

Com o passar do tempo, as mulheres foram se organizando e, assim, ocupando espaços, lutando por seus direitos, para que a sociedade as visualizassem de forma igualitária aos homens, e não apenas como dona-de-casa que devesse obediência aos maridos (MOREIRA, 2007). Foram se organizando e lutando por direitos que viessem a dar-lhes condições de igualdade e lhes proporcionassem segurança. Por meio de lutas organizadas, inúmeras conquistas foram alcançadas. Diante disso, a luta foi importante para se demonstrar à sociedade o valor do papel das mulheres, que, cada vez mais, acumulam responsabilidades no âmbito público e no privado, e que, na maioria das vezes, não são valorizadas como deveriam (AMMANN, 1997).

No Brasil o marco dos primórdios de conquistas das mulheres, veio com a Constituição de 1988, onde o artigo 5º afirma que: “I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição” (BRASIL, 1988), no artigo 7º declara: “XXX – proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil” (BRASIL, 1988).

A partir da influência de muitas mulheres na sociedade e com a emancipação feminina, a mulher volta a ter acesso ao mercado de trabalho e continua na luta pelas diferenças, pois não querem mais ser o objeto de desejo de homens, que passam a contribuir na divisão das tarefas do lar e o cuidado dos filhos, embora os afazeres domésticos ainda sejam vinculados à figura da mulher na sua delicadeza e no seu instinto materno (BORGES, et al., 2006).

Antes da emancipação da mulher, ela vive em função do homem: em atender as suas necessidades. Após a emancipação, ela descobre que tem direitos, ao se conhecer e ser reconhecida enquanto mulher, descobre que tem vontades e desejos e que é igual ao homem, passando a ser mais exigente (BORGES, et al., 2006). O principal eixo da política feminista foi o de alcançar a igualdade civil, política, econômica e social. A luta pela igualdade foi acompanhada pela procura do reconhecimento do valor da participação da mulher na história, tanto na esfera privada quanto na pública. Assim, reconhecimento/valorização e igualdade tornaram-se faces de uma mesma moeda. As mulheres assumiram bandeiras construídas e levantadas pelos homens e, não raro, contaram em suas lutas com o apoio de parcelas significativas dos mesmos (LOVISOLO, et al., 2006).

2.1 PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO ESPORTE

A luta feminina pela conquista de áreas de domínio masculino, também aconteceu no esporte e as mesmas dificuldades que as mulheres encontraram para se libertar dos papéis que lhes foram definidos socialmente ao longo do tempo, encontraram também no acesso à prática esportiva, isso porque o esporte desde sua criação tem sido também uma área de reserva masculina. Já na antiguidade as mulheres estiveram excluídas do esporte e mesmo após a inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos modernos, elas ainda foram proibidas de participar de algumas competições (BORGES, et al., 2006).

Os diferentes papéis atribuídos aos gêneros durante o século XIX até o início do século XX, também no que diz respeito à prática e recomendações de atividades físicas, mostram bem a concepção androcêntrica que dominava o período. Ao homem estavam atrelados valores como a virilidade, a resistência para o trabalho, o maior adestramento para o combate. Para as mulheres, no entanto, as indicações de atividades físicas centralizavam-se na maior e melhor preparação para as funções de mãe e esposa, funções essas que demandavam a exigência de boa saúde e condição física, mesmo porque as mulheres eram consideradas frágeis e de condição física muito aquém dos seus companheiros homens.

Os aspectos mencionados que recomendavam as atividades físicas de forma diferenciada para homens e mulheres, aproximavam bastante os primeiros das características presentes na maioria dos esportes, enquanto para elas, tais atividades não mantinham relação com sua condição natural, ficando recomendadas com algumas restrições a prática de atividades como o tênis, ginástica, natação e o ciclismo e além disso, essas modalidades não eram praticadas com fins competitivos, não incluindo as mulheres a nível de pódios. A proporção desigual de acesso ao esporte por homens e mulheres passa por questões culturais e históricas, podendo ser representada por acesso desigual aos bens valorizados e aos recursos de nossa sociedade (BORGES, et al., 2006).

Na trajetória brasileira, observa-se que na primeira metade do século XX o país não contava com um número significativo de mulheres praticantes de atividades físicas e esportivas de qualquer natureza. Sua participação nos esportes e atividades físicas começa nos clubes na década de 20 através das jovens, normalmente filhas de imigrantes europeus que já apreciavam o valor do exercício e lhe davam incentivo para sua inserção no esporte. Pois o cenário sociocultural que o Brasil apresentava na época ainda era desfavorável para as mulheres (PERES, 2004).

Ainda assim, cabe uma exposição mais objetiva de alguns fatos de extrema importância para o esporte feminino brasileiro e sua representatividade nas olimpíadas. É o caso de Maria Lenk (filha de alemães), começou sua prática esportiva por motivos de saúde, treinada pelo pai nas águas tranquilas e ainda limpas do rio Tietê, onde existia a sede do Clube Espéria, abre as portas da natação competitiva feminina ao conquistar o título da prova Rio de Janeiro – São Paulo em 1931. (GOELLNER,2004)

E mesmo com todo ambiente machista da época, destaca-se como marco da participação feminina brasileira no esporte e nas olimpíadas, sendo a primeira mulher a representar o Brasil e a América do Sul nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Ainda entrou para história com mais um feito, ao nadar pela primeira vez o estilo borboleta, inovando e aperfeiçoando a técnica do nado de peito. Ainda na década de 1930, ocorre o primeiro campeonato feminino de bola ao cesto (São Paulo), com as mesmas regras dos homens e duração de quatro períodos de dez minutos, vencido pelo City Bank Club, demonstrando a crescente participação feminina nos esportes (GOELLNER,2004).

Esses eventos da década de 1930, marcaram o início do movimento feminino no esporte no Brasil. Com os Jogos Femininos do Estado de São Paulo (1935), há uma abertura para a realização de várias práticas esportivas pelas mulheres, e reforçaram a ampliação da participação feminina em vários segmentos sociais e, mesmo nos esportes, porém essa inserção no pensamento social não evoluiu sem a presença de reações conflituosas (GOMES,2004).

A Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, é a primeira legislação esportiva no país que organiza o esporte nacional, proporciona sua burocratização e no seu artigo 20 cria o Conselho Nacional de Desportos – CND. Esta restringiu a prática esportiva feminina, de acordo com a sua alegada incompatibilidade e incorporou as representações sociais e práticas voltadas para as formas femininas e maternidade da mulher. Vigorando até 1975, sendo que em 1965 através da Deliberação nº 7/65 o CND já havia normatizado as entidades esportivas, liberando a prática de esportes femininos, com exceção das lutas, futebol de campo, salão e praia, pólo, rugby, halterofilismo e baseball (TUBINO,2002).

A história da mulher no esporte manifesta questões sociais e culturais dentro do contexto de cada lugar e de cada época, quando interesses religiosos, econômicos, políticos e sociais objetivaram mostrar a figura da mulher como frágil perante a força e vigor masculino, inclusive, pelas diferenças biológicas entre os dois sexos, isto é, parecia ser um consenso que em todas as dimensões o homem era considerado mais “forte” que a mulher. (BORGES, et al., 2016).

Hoje observamos certo avanço na inclusão feminina no esporte, fato esse exemplificado pelos números dos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000, quando dos 10.651 atletas, 4069 eram mulheres e nos Jogos de 2004 esse número foi ainda maior, porém, algumas modalidades esportivas, entre as quais o futebol e as lutas, ainda

mantiveram resistências à participação feminina, e apresentaram um quantitativo maior de participação para o gênero masculino (MIRAGAYA, 2002).

Segundo Theberge (2002) essas diferenças parecem indicar uma exclusão relativa da mulher em uma atividade que é culturalmente valorizada, pois o apoio público ao esporte se manifesta de uma série de maneiras, incluindo a locação de programas em instituições educacionais, além de suporte através de incentivos de taxas para donativos e publicidade de eventos e propagandas. O esporte não representa simplesmente a desigualdade de gênero, mas contribui para sua manutenção nos contextos sociais que o transcendem.

2.2 PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL

Não existem relatos precisos sobre a inserção da mulher no futebol, os primeiros indícios segundo a reportagem “história do futebol feminino” (Globo Esporte, 2010) datam desde o tempo da Dinastia Han em que elas jogavam uma variação do antigo jogo chamado Tsu Chu. Já em outros indicam que, no século XII, era usual que mulheres se envolvessem em jogos de bola, especialmente na França e Escócia.

No ano de 1746, em Coulevam, na Escócia se tem notícias que as mulheres casadas e solteiras da região jogavam umas contra as outras, numa forma primitiva de futebol. Em 1863 foram definidas regras para prevenir a violência no jogo, enquanto que era socialmente aceitável para as mulheres, e foi esse este passo surpreendente associado ao advento da bicicleta, que impulsionou para frente o envolvimento feminino no jogo. Foi à bicicleta que originou o chamado “Movimento do Vestuário Racional” onde as mulheres do mundo inteiro começaram a vestir roupas menos restritivas, o que lhes permitiam maior liberdade e um envolvimento cada vez mais crescente com o esporte.

Data-se que o primeiro jogo oficial de futebol feminino no mundo teria ocorrido na cidade de Londres, na Inglaterra, em 1898, entre Inglaterra e Escócia. Net Rolibol, uma ativista dos direitos da mulher, fundou no ano de 1894 em Londres a primeira equipe de futebol no mundo e em 1910 as mulheres francesas já haviam criado equipes como o Rouge Esportive e a Feminina Esportes de Paris (EÇA, 2009).

O futebol feminino populariza-se e desperta interesse, em 1895 cerca de dez mil pessoas assistiram à partida de inauguração da equipe “Senhoras Britânicas”, em

1910 em Bountson Park, sede do Everton Football Clube, 53 mil pessoas compareceram para assistir à partida do Dick Kerr Ladies F. Clube, em benefício de obras de caridade e cerca de 10 mil ficaram no lado de fora sem poder entrar (FERNANDES, 1991).

No artigo de FRANZINI (2005), foi citado que “na Inglaterra o ‘futebol de moças’ atingiu grande popularidade durante a Primeira Guerra Mundial, quando os homens se viram obrigados a trocar os campos de jogo pelos de batalha. Forçadas pela necessidade de assumir funções predominantes masculinas, as mulheres acabaram também por formar equipes e promover jogos beneficentes para levantar fundos para os soldados no “front”. Continua o autor “com o fim da guerra e a restauração dos papéis sociais tradicionais, esses times femininos entraram em choque com os interesses dos supostos dono jogo, e logo as mulheres viram-se mais uma vez segregadas às arquibancadas”.

No mês de dezembro de 1921 devido ao grande sucesso do futebol feminino, a Associação Inglesa de Futebol, exclusivamente masculina, mudou a fisionomia do esporte proibindo todos os seus clubes de permitir que equipes femininas utilizassem seus campos, mesmo que as partidas femininas angariassem muito dinheiro para caridade com o argumento que a arrecadação dos jogos não estava tendo o fim proposto (ZANETI, 2008).

No entanto, as equipes femininas continuaram jogando, conquistando fundos para a caridade em vários lugares, porém o futebol feminino entrou em grande declínio. Em 1950 o interesse pelo futebol feminino reapareceu, principalmente na Itália, Alemanha, Tchecoslováquia e Dinamarca. As meninas passaram a praticar o futebol nas escolas e o nível de habilidade começou a se aprimorar rapidamente. (EÇA, 2009). Vimos então que o futebol feminino enfrenta ao longo da sua história grandes dificuldades, mas com muita possibilidade de ampliar o seu domínio e quem sabe se igualar ao “jogo dos homens”.

Em se tratando do cenário brasileiro, a participação da mulher segundo Salles, Silva e Costa (1996) ocorreu inicialmente a partir da perda de espaço das modalidades praticadas pela elite brasileira que era o remo e a equitação. Com a chegada do futebol, estas duas modalidades foram perdendo espaço como os esportes preferidos pela sociedade, deixando também de serem os esportes prediletos das mulheres, que passaram a ser vistas nos estádios trajadas como estivessem em uma festa de gala. Este primeiro contato das mulheres com o futebol logo foi interrompido, pois devido à

apropriação do futebol pelas camadas populares, houve uma inibição da presença feminina no meio futebolístico, havendo uma ordem implícita inibidora da presença delas neste espaço, ditando códigos excludentes para o sexo feminino (LESSI, 2010).

Sobre a aparição do futebol feminino no Brasil, a mais defendida e conhecida é que a primeira partida foi realizada em 1921, entre senhoritas tremembeense e catarinense em São Paulo, fato contestado pelos cariocas, que relatam que no Rio de Janeiro, as mulheres já jogavam futebol, mas na praia e a noite (BECKER, 2010).

Apesar dos avanços, havia muita resistência de setores mais conservadores da sociedade e o futebol feminino não agradava às famílias gerando a criação do Decreto Lei 3.199 do Estado Novo, isto na década de 40, que estabelecia as bases de organização dos desportos no país, proibindo a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina” (JUNIOR E DARIDO, 2002). Quando as mulheres resolveram “brigar” por igualdade e se agregarem ao futebol, este esporte já estava bem firmado pela sociedade machista e se encontrava em uma fase que o profissionalismo já havia sido aceito. Portanto o futebol era visto como um esporte determinadamente masculino.

Enquanto em Londres, a *Football Association* proibia a prática do futebol pelas mulheres, Chaves, citando Sugimoto (2003), afirma que no Brasil a prática começava a se desenvolver. No entanto, também sofria com a discriminação. Por exemplo, no mesmo jogo citado acima, que se deu em 1921 entre as senhoritas tremembeenses e as senhoritas catarinenses foi divulgado no periódico *A gazeta* como curiosa atração das festas de São João, passando a fazer parte também das atrações curiosas apresentadas em circos.

Desde então, outro fato relevante ocorreu, no ano de 1965, durante a ditadura militar, através da Deliberação número 7/65, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) proíbe à prática do futebol feminino no Brasil, entre outros esportes, que perdurou por 14 anos quando o próprio CND, através da Deliberação nº 10 revogou a anterior (JUNIOR E DARIDO, 2002). O futebol feminino brasileiro só voltou a ter impulso e melhorar a partir de 1981 quando da decadência da ditadura militar, o CND baixa então em 05/03/1985 a Recomendação nº 02, na qual, “reconhece a necessidade de estímulo à participação feminina da mulher nas diversas modalidades desportivas no país” CASTELLANI, (1988, apud JUNIOR E DARIDO, 2002 p.1).

Logo após a liberação da mulher para o futebol, várias equipes e ligas foram criadas pelo Brasil. Foram realizadas competições estaduais e nacionais e pela

primeira vez foi formada uma seleção feminina que em 1988 disputou o campeonato mundial na China onde obteve o terceiro lugar.

Os estudos de Darido (2008) asseguram que apenas em 1991 é que os dirigentes do futebol procuraram jogadoras para formar uma seleção que representasse o país para o campeonato mundial a ser realizado na China. O Brasil teve que se esforçar para minimizar os prejuízos para as olimpíadas de Atlanta. O autor ainda afirma que a mídia, em especial a Rede Bandeirantes, começou a divulgar a modalidade no Brasil, somente devido aos interesses econômicos e não romper com valores sexistas ou a discriminação.

Ainda partindo dos estudos de Chavez (2007), podemos mencionar também que, mesmo os jornais que davam apoio à prática do jogo pelas mulheres começaram a ceder às indicações médicas que desaprovavam a prática do futebol feminino, e então a mídia iniciou a divulgação de reportagens que apoiavam a postura dos médicos. O argumento usado por eles era de que a mulher precisava preservar sua saúde física que o futebol poderia causar danos aos órgãos reprodutores, e que estes poderiam ser seriamente afetados pelos choques e pelo impacto da bola.

Segundo Sales et al. (1996) apud Darido (2008), o futebol feminino se solidificou somente na década de 1980 e de lá para cá vem se popularizando no Brasil.

Sugimoto apud Chaves (2007), relata que:

[...] muitos outros fatos confirmaram esse preconceito em relação à mulher jogando futebol no Brasil desde os primórdios do esporte no país. Como o interesse feminino pela prática do esporte começava se intensificar justamente em um momento de transição do período higienista para o eugenista, houve uma grande preocupação em permitir à mulher na prática de atividades físicas. Quanto à preocupação eugenista, até era permitida e recomendada alguns esportes como vôlei, a natação e o atletismo, entre outros, desde que não houvesse contato físico e apresentassem condições “higiênicas”. Também as atividades deveriam favorecer e contribuir à função materna de gerar homens fortes que trouxessem um engrandecimento para a raça brasileira.

Pode-se perceber na citação acima, que apesar de se oportunizar o futebol para a mulher, ainda se relacionava essa prática às questões da saúde e também com foco na produção de sujeitos saudáveis. Entendendo que tal prática se estabeleceria a uma parcela da população bem reduzida.

3 REALIDADE DO FUTEBOL FEMININO BRASIL

Sob o reflexo da cultura machista em meio a qual o futebol foi desenvolvido no Brasil, o cenário feminino no esporte precisou e ainda precisa lidar com muitos obstáculos. São tempos muito distintos vividos pelo futebol masculino e feminino, pois o desenvolvimento do futebol com times formados por homens, teve por base alguns dos privilégios do gênero masculino, e não precisou lidar com a repressão com que os times femininos foram atingidos (BROCH,2021).

Partindo disso, cabe mencionar um episódio que demonstra o quanto o machismo está impregnado na cultura e sociedade brasileira, refletindo também no meio futebol. Em uma questão do último Exame Nacional do Ensino Médio, fez menção a diferença salarial entre o jogador Neymar Jr. e a jogadora Marta. O então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, fez questão de tecer um comentário a respeito, dizendo que “tem questões ali ridículas ainda, comparando mulher jogando futebol e homem, por que a Marta ganha menos que o Neymar... Não tem que ter comparação”. O futebol feminino ainda não é uma realidade no Brasil” (Gazeta Esportiva, 2021).

O Presidente do Brasil, país de Marta, mulher eleita a melhor jogadora do mundo por seis vezes, neste caso, enquanto afirma não haver necessidade de fazer comparação evidencia o oposto: que a comparação é sim necessária, e pensar e discutir a desigualdade de gênero nos mais variados âmbitos inclusive no futebol, pois as mulheres são vítimas de discriminação de gênero e recebem salários inferiores em relação aos jogadores do sexo masculino. Enquanto o futebol masculino conta com alto investimento, publicidade, infraestrutura, grandes salários, múltiplas bases de treinamento, o futebol feminino à poucos conquista espaço, mas se encontra à margem, pois:

No entanto, apesar destes significativos avanços, ainda é precária as estruturas da modalidade no país pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem e o seu comportamento (GOELLNER, 2005).

A conquista de espaço no futebol pelas mulheres é muito significativa quando pensada através de uma perspectiva de gênero que considere o longo e difícil caminho percorrido pelas atletas. O caminho trilhado pelas jogadoras vai muito além daquele percorrido em busca da realização de um sonho ou da conquista de um campeonato. Ele perpassa por um obstáculo que está enraizado socialmente no Brasil: a desigualdade de gênero.

O incentivo institucional e social é muito menor quando se trata do futebol feminino, e por vezes é até nulo. Não só as jogadoras de futebol sofrem a violência que é expressa através do machismo, outras mulheres que atuam no meio futebolístico, tais como árbitras, dirigentes, repórteres esportivas, enfim, qualquer mulher que se envolva na atividade que outrora só tinha homens em destaque, é diminuída e se torna alvo de agressões, tanto direta quanto indiretamente, o que se estende às torcedoras, também.

O ambiente em que o futebol se desenvolve ainda é um espaço ainda misógino, pois através do futebol ainda são expressos muitos preconceitos de gênero, de raça, de nacionalidade, orientação sexual etc. A xenofobia, o sexismo, a homofobia, o racismo são formas de preconceito que estão entranhadas no tecido social e acabam por afetar de modo extremamente negativo a coexistência humana. O esporte nesse sentido deve ser um instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e discriminação (MANERA e CARVALHO 2018).

Desta forma o cenário do futebol feminino se apresenta no Brasil, e evidencia a necessidade de discussão acerca do que ainda é enfrentado pelas jogadoras mulheres, pois o desenvolvimento do futebol feminino ainda precisa ser visto e valorizado.

3.1 O DESEMPENHO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Tomando como partida a seleção brasileira de futebol feminino e no cenário futebolístico global, vemos que sua história não é muito longa, mas já há algumas conquistas. Segundo os registros da CBF, Confederação Brasileira de Futebol, temos apenas um campeonato profissional para as meninas, a Copa do Brasil Feminina, que acontece desde 2007. Enquanto os homens desfrutam de cinco campeonatos nacionais profissionais, sendo eles: Campeonato Brasileiro Série A, Série B, Série C e Série D, e ainda a Copa do Brasil (CBF, 2010).

A Copa do Brasil é o único campeonato nacional que atende tanto o futebol masculino, quanto o futebol feminino, mas com histórias diferentes. A primeira edição masculina data de 1989, enquanto a feminina teve início em 2007, tendo por duas vezes uma equipe do estado de São Paulo, o Botucatu, campeã, apenas no ano de 2008, o Sport Club do Recife, time pernambucano, alcançou o título. Além deste campeonato nacional, também há os estaduais, consideravelmente desconhecidos, mas regulamentados em suas respectivas federações. Os estados que têm campeonatos femininos são: Amapá, Alagoas, Amazonas, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Santo Catarina, São Paulo e Tocantins (CBF, 2010).

Diferentemente do futebol masculino, que tem ao menos duas vezes na semana seus jogos televisionados em horários nobres e por emissoras de grande representatividade, os campeonatos femininos ficam relegados às manhãs de sábado e domingo, transmitidos por emissoras de pouquíssima popularidade, como a Rede Família de São Paulo, por exemplo. Ainda assim os jogos femininos televisionados, muitas vezes são do estado de São Paulo para todo o Brasil.

Visivelmente guardadas as grandes proporções, é possível acompanhar os campeonatos femininos mundiais, como os que ocorrem nas Olimpíadas, Pan-Americanos e Sul-Americanos, que ganham atenção de grandes emissoras como a Rede Globo e Bandeirantes. Este espaço tão almejado pelas futebolistas é merecido, pois apesar dos investimentos serem quase nulos, haja visto o número de campeonatos masculinos programados pela CBF, para apenas um feminino, as meninas já apresentam conquistas representativas em seu currículo.

A Copa do Mundo Feminina é uma competição organizada pela FIFA, Federação Internacional de Futebol, que ocorre desde 1991, quando teve como campeãs as norte-americanas, em segundo lugar as norueguesas, terceiro as suecas e em quarto as alemãs. Na edição de 1999 eis que surge a seleção feminina do Brasil. A grande força do futebol masculino, pentacampeã em 2002, ganha destaque também com o futebol feminino, obtendo um bom terceiro lugar. Em 2003, as brasileiras não conseguem manter-se entre as quatro grandes do mundo e o Canadá alcança o quarto lugar. E na edição de 2007, o Brasil ressurgiu ainda melhor, ganhando a medalha de prata (CBF, 2010).

Outros campeonatos a nível mundial que ocorrem são a Copa do Mundo Feminina sub-20 e sub-17, que existem desde 2002 e 2008 respectivamente,

diferentes da Copa do Mundo de futebol feminino profissional, que ocorre a cada quatro anos, estas ocorrem de dois em dois anos (FIFA, 2010). A Copa do Mundo Feminina sub-20 teve sua primeira edição em 2002. Desde então, a melhor participação brasileira foi em 2006 na Rússia, quando alcançou um terceiro lugar, no mais conseguiu apenas um quarto lugar nas edições de 2002 no Canadá e 2004 na Tailândia.

Na Copa do Mundo Feminina sub-17, o Brasil ainda não obteve resultados significativos, as brasileiras sequer ficaram entre as quatro melhores na última edição de 2018 (FIFA, 2018). Além dos campeonatos FIFA existem os campeonatos do COI, Comitê Olímpico Internacional, no entanto, é a FIFA que se responsabiliza pela organização e andamento do futebol durante os eventos Olímpicos.

São justamente nos jogos Olímpicos que as brasileiras têm tido um melhor desempenho, pois desde a primeira vez em que o futebol feminino participou das Olimpíadas, nossa seleção esteve sempre entre as quatro melhores. Sendo quarto lugar em Atlanta 1996 e com uma de suas jogadoras, a Pretinha entre as artilheiras, em Sydney 2000 mais um quarto lugar, já em 2004 em Atenas e Pequim 2008, nossas atletas conseguiram um precioso segundo lugar e consagrou nas duas ocasiões a brasileira Cristiane como artilheira (COI, 2010).

Este crescente de conquistas pelas meninas que representam o futebol feminino garantiu ao Brasil um status hegemônico na América do Sul, o Brasil figura-se em primeiro lugar. No ranking mundial sua posição cai um pouco, mas ainda permanece como a terceira melhor seleção feminina do mundo (FIFA, 2010).

Na América do Sul a CONMEBOL também organiza campeonatos femininos. Podemos destacar a Copa Libertadores de Futebol Feminino, competição na qual as equipes campeãs das dez associações nacionais da CONMEBOL, que ocorreu pela primeira vez em 2009 no Brasil, tendo como cidades anfitriãs, Santos, Guarujá e São Paulo. Nesta ocasião o time brasileiro Santos é que se sagrou campeão. Na primeira edição desta competição fica clara a supremacia brasileira na América do Sul. O Santos F.C. ganhou todas as suas partidas até a final, que terminou com o placar de 9x0 a favor do time brasileiro contra a equipe Paraguai Universidad Autónoma e também teve suas atletas na lista de artilharia. Cristiane foi a maior goleadora com 15 gols, seguida de Marta, a também brasileira, que além de marcar sete gols, foi destaque como ótima jogadora, o que não é de se espantar, pois ela já havia ganhado seu quarto título de melhor jogadora do mundo (COMMEBOL, 2010).

Observa-se então, que o futebol feminino não fica em segundo plano somente no Brasil. Os resultados elásticos do Santos F.C. sobre as demais equipes sul-americanas mostram que estes países também não dão grande importância ao futebol feminino. A Confederação Sul-Americana de Futebol ainda proporciona os seguintes campeonatos: Sul americano sub-20 de Futebol Feminino e Sul americano sub-17 de Futebol Feminino.

O Sul-americano sub-20 de Futebol Feminino teve sua primeira edição em 2004, quando o torneio ocorreu de forma regional e o Brasil sediou a fase final. Este é o primeiro campeonato feminino organizado pela CONMEBOL. Ocorre a cada 2 anos e o Brasil ganhou todas as edições até então. O Sul-americano sub-17 de Futebol Feminino iniciou-se em 2008 e também ocorre de dois em dois anos. Neste caso o Brasil levou apenas o título em 2010, ficando com o segundo lugar em 2008. Ambos dão vaga para seus respectivos mundiais (CONMEBOL, 2010).

No âmbito nacional podemos ver anterior, que algumas das federações associadas à CBF possuem campeonatos femininos, no entanto a que mais se destaca é a Federação Paulista de Futebol, pois se analisarmos as campeãs da Copa do Brasil são todas paulistas e se formos um pouco mais a fundo a equipe campeã sul americana também é do Estado de São Paulo, bem como até a última temporada o Campeonato Paulista de Futebol Feminino contava com atletas de grande representatividade no cenário mundial, como Marta, maior ganhadora do prêmio de melhor do mundo, por quatro vezes consecutivas e Cristiane, última artilheira das Olimpíadas de Pequim, apesar de a seleção brasileira ter ficado apenas com o segundo lugar.

O campeonato paulista feminino da primeira divisão, hoje chamado de Copa Kaiser de Futebol Feminino, ocorre desde 2007. Este campeonato talvez seja o de maior popularidade dentre os estaduais femininos, pois tem alguns de seus jogos televisionados em rede nacional. Em sua primeira edição teve mais uma vez o Santos F.C. campeão. Em 2008, o Botucatu é que leva o título e em 2009 o campeão se repete, desta vez com o Santos em segundo lugar (FIFA, 2010).

São Paulo teve ainda mais destaque com o futebol feminino sediando o Campeonato Internacional de Futebol Feminino em 2009, da qual o Brasil sagrou-se campeão, enfrentando equipes como Chile, México e China. Sendo assim, pode-se considerar que o Brasil, ao menos na América do Sul, é uma potência do futebol feminino.

3.2 ESTRUTURA DO FUTEBOL FEMININO

No contexto atual existem algumas organizações que regulamentam, organizam e dão suporte para o futebol no Brasil e no mundo. Uma dessas organizações, talvez a mais famosa, é a FIFA e segundo seu Estatuto (2009), esta organização tem como principal objetivo organizar suas próprias competições internacionais e desenvolver o futebol em todo o mundo, conferindo, ampliando e unificando os valores culturais, sociais, educacionais e humanitários através do desenvolvimento de seus programas.

Além de preservar a integridade dos jogadores e reputação do futebol e suas competições, controlando qualquer associação de futebol que tome medidas que infrinjam os seus estatutos. Ela ainda é contra o racismo e pune atos racistas dentro de suas competições e daquilo que tange seus estatutos, pois prega relações amigáveis (FIFA, 2009).

Cada país pode ter uma associação ligada e regulamentada na FIFA. Essas associações podem ter representantes no congresso, sugerir novas propostas para serem incluídas na agenda do congresso, indicar candidatos à presidência e participar das competições internacionais e programas internacionais de desenvolvimento do futebol, cultura e aspectos humanitários, culturais e sociais. Por outro lado, é necessário o total cumprimento das leis que regem a FIFA e criar uma comissão de árbitros diretamente subordinados ao membro (FIFA, 2009).

Além destas atribuições discorridas, seus direitos e deveres, essas confederações podem também organizar seus próprios campeonatos. A FIFA ainda possui um comitê específico para a organização das copas do mundo de futebol feminino profissional e para as copas do mundo de futebol feminino sub-20 e sub-17 (Comitê de Futebol Feminino e da Copa do Mundo Feminina da FIFA), os quais devem cumprir com os acordos com as associações organizadoras, bem como as regras do jogo e regulamento do campeonato. E também comitês para cada competição por ela organizada (FIFA, 2009).

Contudo, antes mesmo da criação da FIFA, existia outra entidade chamada IFAB, "*International Football Association Board*", fundada em 1882, que regulamentava as regras do futebol, aprovava leis do esporte e ainda elaborava e propunha regras complementares ao futebol. Com o passar dos anos e o surgimento da FIFA, esta incorporou as regras já determinadas pela IFAB (FIFA, 2009).

Em se tratando do contexto brasileiro e países da América do Sul, a organização que representa e regulamenta o futebol é a CONMEBOL (Confederação Sul-americana de Futebol), única confederação da América do Sul filiada à FIFA. Fundada em 1916, tem sede em Luque, grande Assunção, na República do Paraguai. Segue todas as premissas da FIFA e só admite federações de países também filiadas à FIFA (CONMEBOL, 2000).

Em relação ao futebol feminino a confederação sul-americana possui uma comissão específica para tratar dos assuntos referentes às mulheres no futebol, que tem por objetivo criar campeonatos, assegurar a disciplina no jogo e respeito às suas regras (CONMEBOL, 2000).

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol), neste formato que se apresenta hoje foi fundada em 1979, anteriormente representava-se pela CBD, Confederação Brasileira de Desportos, fundada em 1919, é a responsável por essa organização do futebol no Brasil. Atualmente são 26 federações estaduais registradas. Dos estados brasileiros, somente Roraima não possui seu futebol regulamentado, não possui uma federação de futebol ligada à CBF (CBF, 2010). Destas 26 federações registradas na CBF, nem todas mostram referências ao futebol feminino. Somente 16 delas, apresentam em seus respectivos websites referências ao futebol feminino, como campeonatos e notícias acerca deste.

No Brasil ainda temos um outro órgão que colabora para a organização do futebol, assim como outras modalidades olímpicas, que é o COB, Comitê Olímpico Brasileiro. O COB mostra uma grande preocupação em relação ao desenvolvimento do esporte olímpico no Brasil. Disponibiliza em biblioteca on-line, artigos e arquivos sobre as modalidades esportivas que dá suporte, inclusive o futebol feminino, que atualmente tem mostrado um crescimento muito grande no cenário Olímpico (COB, 2010).

Então, pode-se afirmar que os responsáveis pelo futebol feminino são: FIFA, CONMEBOL, CBF e federações estaduais respectivamente, representam uma hierarquia. Paralelamente, ainda temos o COB, que também colabora para a regulamentação e desenvolvimento deste esporte, que é desde 1900 (para os homens) e 1996 (para as mulheres) participantes dos jogos Olímpicos. Além de todas estas organizações, o Brasil ainda dispõe de órgãos governamentais que auxiliam e dão suporte ao esporte nacional. O Ministério dos esportes é um destes e bem como buscar recursos para o esporte de alto rendimento, também trabalha em prol dos seus

projetos de cunho social e para garantir à população o direito à prática esportiva (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

Como uma subjunção do ministério, que desde 2003 é exclusivo para esportes, há a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR) e a ela compete captar recursos financeiros, humanos, materiais e físicos para o desenvolvimento dos esportes de alto rendimento e seus programas, bem como a proposição de novas possibilidades e novos programas que possam contribuir de alguma forma para este crescimento (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

Observando através das informações citadas, percebemos que é de cunho governamental o recebimento de recursos para a consecução destes projetos e para o futebol feminino não é diferente, uma vez que ele se inclui neste leque de esportes competitivos e por isso merece atenção do ministério. Apesar de dispor de inúmeras instituições apoiando e regulamentando o futebol, os recursos do governo são fundamentais, ou pelo menos o seu apoio, dispondo de materiais e espaço físico para a prática deste esporte.

O Ministério do Esporte, deve distribuir seu capital e o que mais tiver para todos os esportes, o que nos remete ao problema do pequeno número de equipes de futebol feminino e campeonatos no Brasil, os recursos são escassos, pois esta modalidade não é uma prioridade, sua popularidade ainda não é suficiente para demandar maiores investimentos.

Na lista de obrigações da Secretaria Nacional do Esporte de Alto Rendimento citou-se o CNE, Conselho Nacional do Esporte, diretamente ligado ao Ministério e tem por objetivo criar meios para se massificar, de forma organizada, planejada e com melhores condições de prática, a modalidade esportiva desejada (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

Estes dispositivos do governo oferecem então uma série de programas para a melhoria do esporte de alto rendimento no Brasil, como por exemplo, a “Descoberta de talento esportivo” e o “Bolsa atleta”. E por mais que sejam desconhecidos e também não se saiba da inclusão do futebol feminino neles, as meninas estão sim incluídas neles, principalmente após os bons resultados obtidos pelas seleções de base e principal feminina a partir das Olimpíadas de Atenas em 2004.

Temos ainda as repartições estaduais e municipais que colaboram para a melhoria do esporte. A secretaria de Esporte, Lazer e Turismo do Estado de São Paulo, por exemplo, tem certa supremacia com relação à descoberta de talentos

esportivos. Pois tem como função articular-se para o desenvolvimento esportivo no Estado e, portanto, possui seus programas de desenvolvimento, como: Bolsa Talento Esportivo; Conjuntos Desportivos; Entidades Esportivas; Lei Paulista de Incentivo ao Esporte; Programa São Paulo Olímpico; SP Potência Esportiva; Virada Esportiva do Interior; dentre outros (SELT, 2010).

No interior de São Paulo, e dos demais Estados, há os Jogos Regionais, que garantem vaga para os Jogos Abertos do interior, que têm grande importância para o futebol feminino, pois como veremos, são pouquíssimos campeonatos para as futebolistas. Desta forma, são destes campeonatos que as equipes femininas participam. São campeonatos representativos para o futebol feminino, principalmente no Estado de São Paulo, onde estão as equipes de maior expressão: Santos e Botucatu, se tomarmos por base as últimas campeãs da Copa do Brasil Feminina e da primeira Copa Libertadores de futebol feminino (SARDINHA,2011).

4. DESAFIOS E DIFICULDADES NA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO

Por muito tempo as diferenças entre os corpos do homem e da mulher foram vistas com patamares diferentes, o corpo do homem tem uma supervalorização em relação ao da mulher. (FERRETTI et al, 2011).

A qual afirma que “gênero é [...] a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social”, segundo a autora, para compreendermos como funciona o gênero deve-se buscar o significado do sujeito individual, a organização social e suas articulações. (SCOTT, 1995 apud FERRETTI et al 2011)

Partindo do conceito de gênero, dizem que biologicamente ninguém é naturalmente, homem ou mulher, masculino ou feminino, esses conceitos são construídos socialmente através do processo educacional, de identidades de sexo e gênero. Feminilidade e masculinidade não apresentam significado fixo (CARVALHO, 2004)

Segundo BOURDIEU, (1999) apud Carvalho (2004), gênero é um conceito relacional e uma estrutura de dominação simbólica: os gêneros são um par de opostos que constituem uma relação e as relações de gênero são relações de poder em que “o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas”. “A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quando mais machista, ou sexista, ela for mais exacerbada as suas réplicas”. (FRANZINI, 2005)

Alguns questionamentos vão muito além dos gramados, as jogadoras além de provar sua heterossexualidade através do corpo dentro do conceito e expectativas sociais de sua feminilidade, com seu corpo de mulher, elas devem ser belas corporalmente, para que possam atrair o público masculino heterossexual, para suas apresentações na TV, deixando de lado suas competências e habilidades para tal prática esportiva. A ideia de tornar as jogadoras heterossexualmente desejáveis, pelo público masculino seria uma forma de esconder a homossexualidade de algumas jogadoras, assim sendo uma maneira de não causar repulsa em telespectadores homofóbicos (FERRETTI et al, 2011).

Segundo Boutilier e SanGiovani (1983) existem três razões pelas quais os homens continuam resistindo à entrada das mulheres no esporte. A primeira diz

respeito ao desejo de manter o esporte como uma agência de socialização que prepara os homens para os papéis adultos no setor público, particularmente no mercado de trabalho e vida política, já que o esporte apresenta características como trabalho em equipe, liderança, pensamento estratégico, competição, entre outras, que se apresentam como exigências nessa área em que os homens não querem dividir espaço com as mulheres.

A segunda seria para a manutenção do ranking hierárquico dos papéis sexuais, especificamente na preferência de papéis masculinos delegando aos homens papéis mais importantes e relevantes devido à sua condição sexual. A terceira razão seria a de preservar um núcleo exclusivamente masculino que permitiria a expressividade e intimidade, qualidades tipicamente ausentes do que geralmente se considera comportamento apropriado para homens. Pode-se ter como exemplo dessa terceira razão o comportamento dos homens em um jogo de futebol, no qual as sensações e emoções vividas permitem que eles se abracem, chorem, gritem, sofram, ou seja, comportamentos que não são adotados e muitas vezes não aprovados em seus cotidianos.

As razões mencionadas parecem demonstrar algum medo de que as mulheres ocupem os espaços antes apenas ocupados pelos homens. De acordo com dados britânicos analisados por Dunning (1994), canções de jogadores de Rugby ridicularizando as mulheres e tratando-as como objetos sexuais, poderia ser um indício de que as mulheres estariam oferecendo certa ameaça à reserva masculina.

Ainda hoje há uma representação muito importante na consciência popular que vê a simples presença das mulheres no esporte como estranha. O medo da masculinização física das atletas estava associado ao receio de que elas se afastassem da vida heterossexual e assim questionassem a divisão específica do sexo no trabalho, o eixo central de uma sociedade orientada para a tarefa. As reportagens esportivas têm como aspecto fundamental, não o esporte e sim o seu corpo como objeto de prazer para o homem.

Essa é uma estratégia útil, quando a mulher começa a ir muito fundo e ameaçar os santuários masculinos, isto é, a sua vaporização e reconstituição simbólica como objeto, ou como um tópico para piadas e referências de preconceitos sexuais (como o estereótipo de “sapatona”).

O quadro descrito acima não se restringe somente às mulheres atletas, mas em algumas medidas também a todas que direta ou indiretamente atuam no esporte,

como oficiais de arbitragem, apresentadoras de TV, repórteres, entre outras. No caso específico do futebol, à medida que a atleta se torna mais brilhante, mais ela marca a si como desviante.

A mulher atleta vive uma severa contradição, pois vencer como atleta supõe falhar como mulher, pois num certo modo simbólico ela se tornou um homem e, inevitavelmente, é comparada ao homem atleta. Em uma história que os esportes foram concebidos para e pelos homens, as mulheres têm levado desvantagem, pois não são biologicamente mais fortes e velozes que os homens, embora as características nas quais as mulheres se destacam, como a flexibilidade, raramente são postas em destaque. Contudo, o avanço dos estudos acadêmico-científicos, no âmbito das diversas ciências, tem sido o diferencial para mostrar que, consideradas as necessárias adaptações às diferenças fisiológicas e sociais, homens e mulheres podem e precisam estar envolvidos com as atividades físicas e esportivas em qualquer nível de desenvolvimento.

4.1 PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EROTIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER

O futebol é um esporte praticado tanto por homens quanto por mulheres. Apesar de, em sua maioria, ser praticado por pessoas do sexo masculino, as mulheres têm demonstrado ao longo dos tempos bastante interesse em jogá-lo, com isso ao longo dos séculos a visibilidade da participação feminina no esporte aumentou e esse aumento trouxe muitos embates para a sociedade estruturalmente machista.

No Brasil, apesar de serem proibidos jogos de futebol feminino na época da ditadura, algumas partidas eram divulgadas na capital paulista. Como por exemplo, o jogo em 1921 entre as Senhoritas Tremembenses e as Senhoritas Cantareirenses realizado no Tremembé F. C. em São Paulo-SP. Desta forma, não se sabe ao certo sobre o aparecimento das primeiras partidas de futebol feminino, já que as mesmas jogavam em campos, praias ou quadras, como as empregadas domésticas que jogavam à noite na praia no Leblon-RJ, pois trabalhavam pelo dia.

Portanto, nesse período, segundo Darido (2002), eram feitos jogos realizados por diferentes boates gays e aconteciam jogos beneficentes, jogo entre vedetes, peladas de rua, fato que demonstra o quanto as mulheres estavam interessadas na prática deste esporte. E por ter se originado desta forma, pode ter sido a origem para que houvesse manifestações de preconceito. Sendo assim, o preconceito é definido

por Pessanha (2006) como a emissão prévia de opiniões e conceitos sem que haja uma análise mais aprofundada. Completando o pensamento com o autor citado acima, Leite (2009) afirma que estas são opiniões aceitas a priori, sem exame prévio e que se têm como corretas chegando ao ponto de criar e formar atitudes favoráveis ou desfavoráveis a respeito de coisas, pessoas, povos, lugares, países, raças e religiões.

Surgiu então, a criação do Decreto Lei nº 3.199, artigo 54 de 14/04/1941, o qual proibia às mulheres de praticarem desportos incompatíveis com as condições de sua natureza. Todavia, este decreto só foi regulamentado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos, o qual estabeleceu normas em relação à prática esportiva pelas mulheres, não permitindo que as mesmas praticassem lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de praia, futebol de salão, halterofilismo, beisebol e pólo (MOURÃO e MOREL, 2005). De acordo com Sugimoto (2003), ainda surgiram médicos, os quais afirmavam que os choques que poderiam acontecer entre as mulheres durante as partidas, seriam prejudiciais aos órgãos reprodutores.

Segundo o mesmo autor, houve o envio de uma carta datada de 25/04/1940, ao Presidente Getúlio Vargas pelo cidadão José Fuzeira, a qual repercutiu em toda imprensa. Fuzeira estava preocupado com o número de clubes femininos de futebol que estavam surgindo, tentando com este aviso, alertar o governo sobre o quanto afetaria a saúde das mulheres, se as mesmas continuassem a praticá-lo.

Apesar de tantos relatos preconceituosos, a proibição foi revogada na década de 80 e teve como resultado, o surgimento de vários times femininos, sendo criados campeonatos com visibilidade nacional. Sendo assim, em 1981, apareceu o carioca Radar Futebol Clube, o qual começou a despontar no cenário futebolístico, realizando várias excursões para os Estados Unidos e para a América do Sul. Este time revelou grandes jogadoras, desmistificando o fato de que futebol era só para “macho”. Nesse mesmo ano, o futebol feminino era reconhecido como esporte no Diário Oficial da União através de uma resolução do Conselho Nacional de Desportos.

De lá para cá, tiveram mais oportunidades e visibilidade para a prática do esporte, mas muita coisa não mudou até hoje: não somente a discriminação e o preconceito, mas também a erotização da mulher no meio futebolístico ainda se encontra muito presente. De acordo com Franzini (2005), foi registrado pelo jornal Folha de São Paulo a existência de um projeto, elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing, no qual uns dos pontos de sucesso de um determinado torneio seriam “ações que enalteçam a beleza e a sensualidade

da jogadora para atrair o público masculino” (FRANZINI, 2005). Assim, notamos a valorização da beleza física das atletas ao invés do enfoque na qualidade técnica e/ou tática, isso era o que menos interessava.

A Federação Paulista de Futebol (FPF) realizou, em 2001, um campeonato de futebol que visava divulgar e impulsionar o futebol feminino. Foi uma “peneira” (seletiva ou draft como denominaram os organizadores) realizada para a seleção de atletas que disputariam o Campeonato Paulista de 2001, organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e pela empresa Pelé Sports & Marketing. O projeto elaborado por estas entidades, estabelecia que o embelezamento das atletas estaria entre os objetivos principais para o sucesso do torneio (FOLHA DE S. PAULO, 2001).

De acordo com o então presidente da FPF, Eduardo José Farah, havia a “necessidade de se mostrar uma nova roupagem no futebol feminino, que se encontrava reprimido pelo machismo”. Assim, segundo o dirigente, seria preciso “tentar unir a imagem do futebol à feminilidade”. Para tanto, colocou-se no regulamento da competição, entre outras recomendações, que jogadora com a cabeça raspada não jogaria. O folder de divulgação da seletiva para a Paulistana 2001, direcionado às possíveis candidatas a participarem do campeonato revela o caráter sexista e heteronormativo que a FPF procurou vincular ao evento.

Na capa deste material, conforme pode ser visto na figura 1, destaca-se a fotografia da então modelo e atriz Patrícia de Sabrit, segurando uma bola de futebol e posando de perfil com o rosto (com expressão de modelo fotográfico) em destaque. As fotografias utilizadas na parte interna do encarte (Figura 2) trazem também o apelo à sensualidade feminina, revelada pela utilização de uma provável modelo controlando uma bola de futebol (a postura da garota denuncia que não se trata de uma jogadora de futebol), trajando uns shorts minúsculo, em outra foto modelos posam com os rostos próximos uns dos outros e esbanjando olhares e atitudes sensuais (a foto insinua que as modelos estariam nuas).

Destaca-se ainda no folder a foto de um casal supostamente de namorados, com explícito apelo aos relacionamentos heterossexuais, evidenciando as intenções dos organizadores de explicitar e colar à imagem do futebol feminino valores heteronormativos.



Figura 1 - Capa do folder de divulgação da Paulistana 2001. (JUNIOR e REIS, 2012)

CAMPEONATO PAULISTA DE FUTEBOL FEMININO

Há mais de dez anos, os Campeonatos organizados pela Federação Paulista de Futebol são sinônimos de competência e criatividade. Agora a FPF vai levar ao Futebol Feminino toda a sua experiência, criando um campeonato para as meninas, como nunca se viu no Brasil.



As jogadoras vão usar uniformes especiais. A Topper, uma grande empresa brasileira do setor, está desenvolvendo calções, camisas e chuteiras para deixá-las charmosas e belas também dentro de campo.

Todas as mulheres que gostam de futebol terão chance de participar. A FPF está organizando um draft (Seletiva) nos dias 20, 21, 22 e 23/09, no Estádio Icaro de Castro Mello, ao lado do Ginásio do Ibirapuera. O espírito é o mesmo do draft da NFL, a Liga de Futebol Norte-Americano.



Os clubes terão a garantia da FPF de cotas financeiras, para cobrir as despesas com o time. O campeonato também terá a visibilidade garantida por transmissão ao vivo pela televisão e até a venda dos direitos para o exterior. A beleza da mulher brasileira será, mais uma vez, conhecida no mundo inteiro.



A seleção das candidatas vai contar com ninguém menos que ele, o atleta do século, o Rei do Futebol, Pelé. As escolhidas por um grupo de renomados técnicos de futebol, que trabalharão ao lado de Pelé, serão contratadas pelos clubes que vão disputar o Campeonato Paulista. É realmente uma grande oportunidade para você, que gosta de jogar futebol.



Administração
Eduardo José Farah

É a Administração Eduardo José Farah, que depois de revolucionar, aprimorar e tornar rentáveis os campeonatos masculinos, começa uma nova era para o Futebol Feminino. É para o próprio futebol do Brasil. É o estilo do Presidente entrando em campo.



NUNCA A MULHER BRASILEIRA QUE JOGA FUTEBOL FOI TÃO VALORIZADA.

Figura 2 – Encarte interno do folder de divulgação da Paulistana 2001 (JUNIOR e REIS, 2012)

Comentando ao texto do folder da Paulistana 2001 (Figura 2), duas passagens chamam a atenção pela exploração da beleza feminina como mote para a adesão do público (masculino) ao evento. O primeiro diz respeito à adequação dos uniformes do torneio a uma suposta demanda pela valorização das formas femininas: “As jogadoras vão usar uniformes especiais. A Topper, uma grande empresa brasileira do setor, está desenvolvendo calções, camisas e chuteiras para deixá-las charmosas e belas

também dentro de campo”. No parágrafo seguinte, os organizadores reafirmam a tendência de apelar para a sensualidade feminina afirmando que “a beleza da mulher brasileira será, mais uma vez, conhecida no mundo inteiro”.

O folder encerra com a nota de rodapé: “Nunca a mulher brasileira que joga futebol foi tão valorizada”. Entretanto, obviamente, que esta mensagem não passou de um engodo, como bem demonstra a declaração de uma jogadora participante da seletiva entrevistada por Knijnik e Vasconcellos (2003) em sua pesquisa:

“Muitas meninas não passaram no teste porque não tinham, digamos assim, fisicamente condições para o campeonato. Porque eles queriam vender a imagem do campeonato, passar na TV, eles não iam querer ver uma desdentada, e queriam ver a loirinha. Então teve muita menina que passou porque era bonitinha e não porque jogava. Eu conhecia as meninas, muitas meninas que não tinham condições de jogar, eu conhecia, e passaram porque eram bonitinhas. Como teve menina também, que era do cabelinho ruim, não tinha dente, não passou e jogava bem. Foi muito de imagem e isso me irritou, me irritou mesmo.”

Conforme entrevistada de Knijnik e Vasconcellos (2003), a pretensa valorização da mulher brasileira que joga futebol não se efetivou de fato, havendo, uma depreciação das atletas que não atendiam a um perfil estético socialmente valorizado, repercutindo na discriminação e exclusão de atletas então em atividade e potenciais atletas que não se enquadrassem nesse estereótipo, daquele que seria o campeonato de maior prestígio da categoria.

Dentro do cenário atual os episódios de sensualização e discriminação do corpo da mulher no futebol ainda são um fato, podemos citar um dos mais recentes episódios que recorre à estratégia da erotização das jogadoras sob o argumento da “divulgação do futebol feminino”, diz respeito ao lançamento do calendário das “Sereias da Vila” em abril de 2011 como parte das comemorações ao centenário do Santos Futebol Clube, à época o principal “clube de futebol feminino” do Brasil.

O lançamento do calendário foi marcado por um desfile com as atletas do elenco do Santos vestindo biquínis e maiôs (Figura 3), que também serviu para divulgar a nova coleção de moda praia com a marca do clube. Embora os dois episódios não tenham sido anunciados como estratégias de marketing do futebol feminino, o discurso assumido pelas próprias atletas foi revestido de um forte apelo pela vinculação da divulgação do desfile e do calendário na mídia, como uma possibilidade de divulgação do futebol feminino. A própria jogadora Marta, que não

desfilou e nem posou para as fotos, prestigiou o evento do desfile e lançamento do calendário e mostrou-se favorável à iniciativa de seu ex clube no Brasil. "Estou muito feliz de poder estar aqui no Santos prestigiando as meninas, pois aqui eu me sinto em casa. Queria parabenizar o Santos, que sempre apoiou o futebol feminino, por essa iniciativa maravilhosa", disse Marta ao site oficial do clube.



Figura 3 - Desfile de lançamento do calendário "As sereias da Vila" (SOUSA, 2015)

É evidente a insistência das entidades dirigentes em instituir uma nova forma (estética) para o futebol feminino brasileiro, que visa traduzir esta estética para uma nova representação ligada a mais um produto para o consumo de massa masculino. Mas, novamente fica evidente que este não é o caminho, tendo em vista que tal estratégia não representou os resultados esperados, na medida em que menos de um ano depois do episódio o Santos Futebol Clube anunciava a desativação de seu departamento de futebol feminino e deixava quarenta atletas desempregadas.

Episódios mais recentes ocorreram nas Olimpíadas de Tóquio, agora em 2021, o fato de um Jornalista holandês ofender Bárbara, goleira da Seleção Brasileira, em programa de televisão. O jornalista assim descreve: "Essa goleira está acima do peso, não? É uma porca com um suéter. Foi uma zombaria total para a seleção brasileira. Ela realmente não defendeu uma bola decente", disse Johan Derksen, durante o programa de TV 'De Oranjezomer'. O comentarista holandês também aproveitou para criticar o futebol feminino durante o programa: "Você tem que falar algo sobre isso à noite no programa, então eu tive que assistir ao jogo. Gosto de outros

esportes femininos, como handebol e ciclismo, muito mais do que futebol. O futebol feminino não é nada divertido, mas a Holanda jogou muito bem, melhor que o Brasil", completou Derksen. Mesmo diante de tal comentário absurdo, a atleta não teve apoio, visível, nem da Comissão Técnica, das companheiras de Seleção e da CBF, que permaneceram caladas sobre a situação.



Figura 4 - Jornalista ofende Bárbara, goleira do Brasil: "Uma porca com suéter". (TERRA, 2021)

Tais situações ao longo dos anos nos fazem refletir que a cultura exerceu grande influência com relação ao preconceito no futebol feminino, pois delimitou desde crianças, espaços e brinquedos lúdicos específicos para meninos e para meninas. Daolio (1997) explanou que as crianças, ao nascerem, eram condicionadas, dependendo de qual era o sexo, a agir de uma forma determinada, terem certas preferências.

Sendo meninas ganhavam bonecas, miniaturas de utensílios domésticos; sendo meninos ganhavam carrinhos, bonecos de super-heróis. Ainda há no meio, uma forte idealização em relação aos homossexuais, partindo de um estereótipo de que mulheres que se vestem parecidas com os homens, são gays, e está impregnada na cultura brasileira e em consequência, nas práticas esportivas. Não é somente no futebol que acontece esse tipo de preconceito. Em diversos esportes que têm uma denotação de serem "somente para homens" também é encontrado.

4.2 INVESTIMENTO NO FUTEBOL FEMININO E APOIO DAS MÍDIAS

Quando tratamos da falta de investimento no esporte, não nos referimos apenas ao retorno financeiro que as atletas possuem, que em comparação ao futebol masculino é mínimo, mas falamos também da qualidade dos espaços de treinamento que lhes é ofertado. Almeida (2013) fala sobre o tempo que a proibição do Conselho Nacional do Desporto e alega que apesar dos 40 anos que se passaram da revogação do Decreto lançado em 1941, os avanços referentes ao futebol feminino neste espaço de tempo foram mínimos, onde a falta de investimento financeiro e estrutural é um dos principais empecilhos para a estabilização e continuidade do esporte.

Nesta relação de financiamento do esporte, Joras (2015) fez um comparativo dos valores investidos no primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino que aconteceu no ano de 2013 com o valor do contrato individual de jogadores de times como o Sport Clube Corinthians Paulista. Neste comparativo, ela encontrou a realidade de que no campeonato, que possuiu a participação de cerca de 24 equipes de futebol feminino do país inteiro, teve o investimento de 10 milhões de reais onde, ao comparar com contrato individual de jogadores de times como o Sport Clube Corinthians Paulista, que chega a 30 milhões de Reais.

Ao analisarmos essas realidades lado a lado compreendemos o quanto estamos distantes da realidade vivenciada pelo futebol masculino, e que ainda andamos em passos lentos para essa aproximação, podemos também comparar através dos salários dos melhores jogadores do Brasil que estão atuando fora do país (JORAS,2015).

Fazendo uma análise, compreendemos que o valor que é atribuído aos salários dos jogadores, de modo geral, se dá através dos patrocínios, que pelo futebol masculino possui maior visibilidade tantos em visitas ao estádio, idas aos jogos e através dos meios de informação como rádio, TV e internet, o retorno salarial deles é bem maior que os das mulheres.

Uma forma possível de amenizar essa situação é estimular os torcedores a se interessarem pelo futebol feminino com a mesma gana que possuem pelo futebol masculino, porém simplesmente sugerir que mudar essa realidade no Brasil seja a solução, temos que questionar que para esse estímulo exista se faz necessário um esforço maior da mídia, para alcançar a massa populacional através de transmissões dos jogos e das notícias referentes ao esporte.

Ao analisar a falta de financiamento, nota-se que ela possui grande e estreita relação com o apoio que a mídia em relação ao esporte, se o futebol feminino possuísse o mesmo vínculo de afinidade que o futebol masculino, possivelmente, teríamos grandes avanços em relação a estrutura de treinos, aumentos salariais e dedicação exclusiva das atletas.

A precariedade do futebol feminino no país, como já afirmado, é contribuída pelos meios de comunicação. Tendo como referência a televisão, em geral o espaço dedicado à modalidade nos canais de maior audiência restringe-se às competições envolvendo a Seleção Brasileira e nos últimos dois anos à cobertura de torneios de curta duração com a participação do Santos Futebol Clube, notadamente em função da contratação temporária da estrela Marta por este clube antes de abandonar o futebol feminino. Não se pode desprezar o papel da Rede Bandeirantes de Televisão na cobertura destes eventos e na insistência em pedir apoio e divulgar o futebol feminino durante suas transmissões.

Em contrapartida, não pode-se adotar a lógica de não criticar aqueles que fazem algo que outros deixam de fazer – como é o caso da Rede Globo, maior emissora de televisão do país, que ignora a existência da modalidade mesmo nas maiores competições oficiais – na medida em que, apesar de reconhecermos o importante papel cumprido pela Rede Bandeirantes, ela não está isenta de uma série de vícios que contribuem para a perpetuação de alguns preconceitos e estereótipos relacionados à modalidade, verificados principalmente na linguagem dos narradores e comentaristas, o que aponta para a necessidade também de maior qualificação profissional para as transmissões de jogos de mulheres. São recorrentes comentários relacionados à beleza e delicadeza da mulher, que como pode ser visto neste artigo são impróprios para a análise do rendimento esportivo.

Em uma pesquisa que teve como objetivo analisar o discurso midiático, expresso por meio da narração e comentários na cobertura da Rede Bandeirantes de Televisão ao Campeonato Mundial de Futebol Feminino da FIFA 2007¹⁵, Kaneshiro (2009) revelou que o narrador e os comentaristas do evento têm seu discurso impregnado por marcadores de gênero, que demonstram as dificuldades enfrentadas por estes em se distanciarem do referencial do futebol masculino. Algumas passagens da cobertura explicitam esta dificuldade, por meio da insistência do narrador e dos comentaristas em comparar as jogadoras com jogadores do futebol masculino:

“você vê a Cristiane jogando como o Messi joga no Barcelona do lado direito” (Comentarista 1), “ela (Renata Costa) parece o Mineiro jogando para falar a verdade” (Comentarista 1), “você vê que ela (jogadora da Austrália) é gordinha e rápida igual eu [sic] quando jogava!” (Comentarista 1), (KANESIRO, 2009).

Pode-se notar que, o “produto” futebol é “vendido” em uma “embalagem masculina”, independentemente de ser o futebol jogado por homens ou mulheres. Outro aspecto negativo destacado por Kanesiro (2009) na transmissão da referida emissora, diz respeito ao constante apelo à erotização das atletas, conforme revelam as seguintes passagens:

“são jogadoras bonitas da seleção australiana, a Austrália tem mulheres bonitas” (Narrador), “um país colonizado por ingleses” (Narrador), “foi a primeira delegação olímpica que conseguiu fazer da nudez um caminho publicitário... agora só mostraram porque podiam mostrar o que tem, porque se fosse ruim não dava pra mostrar”(Comentarista 1) (KANESIRO, 2009, p. 24).

A fala argumentativa do comentarista a respeito do pioneirismo das australianas em adotarem a nudez como caminho publicitário é de uma falta de respeito sem tamanho, que o comentarista, muito menos boa parte dos telespectadores se dá conta. Afirmar que as mulheres precisam tirar a roupa para serem reconhecidas e ganharem visibilidade em sua atividade futebolística e achar que isso é normal revela a medida da desvalorização da competência feminina – neste caso futebolística, mas poderíamos transferi-la para outros campos de atuação profissional ou não - em detrimento da exploração de seus atributos físicos.

De acordo com Griffin (citado por MIGLIACCIO e BERG, 2007), destacando a sensualidade feminina acima de sua performance em um esporte tradicionalmente masculino, a mídia emprega a “defesa apologética” da mulher em conformidade com a sua “normalização” na sociedade, objetificando-a. Enquanto algumas atletas aceitam tais representações, outras a questionam enquanto perpetuadoras de uma visão estereotipada de mulher.

Sobre a atuação das mídias esportivas, entendemos que não se trata simplesmente de possibilitar às mulheres o acesso às posições de narradoras e /ou comentaristas esportivas, embora saibamos que este poderia ser um avanço significativo para o redimensionamento do discurso do jornalismo esportivo, trata-se, mais do que isto, de atuarmos no sentido de buscar uma imprensa menos suscetível

à ideologia refém de valores do patriarcado, viabilizando um discurso midiático isento de clichês preconceituosos e estereotipados.

Todavia, já é possível notar uma melhora nessa divulgação, mesmo sendo em menor grau se comparado com o masculino. Porém, ainda existe um déficit no quesito de investimentos públicos e privados. Com isso, ainda subsistem outros problemas como a falta de estrutura, recursos, condições de prática do esporte. Quando relacionadas com o futebol masculino, observamos o quão distintas são as condições de prática nesse esporte.

4.3 IMPLEMENTAÇÃO DE UM QUADRO PERMANENTE DE COMPETIÇÕES

Quando falamos de um quadro permanente de competições, não nos referimos apenas a campeonatos durante um ano inteiro, mas também a manutenção de uma equipe com verbas para dedicação exclusiva.

No Manifesto 'Nuas e Cruas' as atletas retratam que a ausência deste quadro faz com que elas não consigam se dedicar integralmente aos campos, e o futebol se torna uma carreira paralela a rotina diária de donas de casas, estudantes ou coisas afins. E assim, com essa ausência, a rotina de treinos também é interferida.

No ano de 2014, após a derrota da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, contra a Alemanha, essa falta de visibilidade foi o start para a criação do Manifesto, onde reuniu cerca de 100 atletas onde elas reivindicavam melhores condições relacionadas ao esporte (PICARTE, 2014).

Tal manifesto indicava ainda que, por mais que as brasileiras se destaquem no universo cultural do futebol, ainda estão longe de receber incentivos significativos na modalidade, de modo que possam vislumbrar, no futebol, uma possibilidade de profissionalização (JORAS, 2015). Este manifesto, teve como característica principal, apresentar a situação que a Seleção Brasileira se encontra, relatando que ser jogadora de futebol é um sonho difícil, pois viver num país machista e preconceituoso, que não investe no esporte, e que não permite dedicação exclusiva das atletas para a modalidade, nem espaços adequados para treinos, não garantirá o futuro delas.(PICARTE, 2014) No manifesto, as atletas alegam que não possuem salários astronômicos, e que, no máximo, conseguem acordos verbais com ajudas de custo que duram de 3 a 6 meses, que é o período de competições no país.

Feijó (2011) retrata que sem esse incentivo para elas se manterem no esporte integralmente, o futebol feminino passa a ter um caráter de amadorismo, em que as atletas podem faltar os treinos por fatores externos e podem também trocar de equipes sem maiores dificuldades já que os acordos feitos não são contratuais.

A partir de 1991, o futebol feminino entrou no quadro de esportes Olímpicos, onde as Brasileiras tiveram as melhores colocações no ano de 1999 (3º Colocado) e 2007 (2º Colocado). A Confederação Brasileira de Futebol anunciou a criação uma seleção permanente feminina de futebol projetando as disputas da Copa do Mundo de 2015, no Canadá, e os Jogos Olímpicos de 2016, no Brasil.

Essa falta de bons resultados mundiais tem ligação direta com essa falta de um quadro permanente, e de uma seleção permanente no esporte. Já que, a criação desse quadro estimula a existência de uma seleção permanente e de treinos coletivos e assim, a obtenção de bons resultados.

5. METODOLOGIA

Realizou-se um levantamento de referenciais teóricos a partir de uma revisão bibliográfica do tipo integrativa, onde se utilizou artigos científicos indexados na Scielo, Google Acadêmico e Lilacs no período de 1991 a 2021. Usaram-se as seguintes palavras-chave: “futebol”, “mulheres” e “dificuldades”, nos idiomas português e inglês.

O levantamento das pesquisas foi selecionado no período de janeiro a agosto de 2021, de acordo com o título, ano, autores, objetivos e resultados. Em seguida, foi realizada uma leitura crítica das obras, onde foram selecionadas as que preencheram os critérios predefinidos de qualidade, como clareza nas informações, metodologia adequada e relevância clínica.

Aos dados bibliográficos foram agregadas informações obtidas em sites na internet, pertencentes a organizações governamentais e não governamentais, que divulgam textos e dados relacionados com as temáticas que foram abordadas no presente trabalho.

Partindo disso, observou-se também grande dificuldade em levantar artigos científicos pertinentes mais aprofundados em relação ao futebol feminino, principalmente referente as suas regionalizações, a exemplo os campeonatos estaduais e copas regionais, a exemplo a copa do Nordeste. Assim justificando a ausência do levantamento bibliográfico de tais informações neste trabalho.

Desenvolveu-se um levantamento bibliográfico sobre o tema pretendido, além de identificar, junto às referências, estudos que se encontrassem voltados para a atenção quanto as realidades e dificuldades enfrentadas pelas mulheres no processo de luta pela conquista de seu espaço no futebol.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os estudos coletados em todo o processo de estruturação deste trabalho, obtemos os resultados e podemos discuti-los conforme discorrido nos parágrafos a seguir.

O preconceito no futebol feminino juntamente com a erotização do corpo da mulher, foram constatados como um dos maiores fatores que prejudicam a evolução da modalidade. Tais elementos advém de fatores culturais, sociais, os quais precisam ser revistos, já que são fatores limitantes do desenvolvimento não somente do futebol, mas do esporte feminino como um todo. Nesse sentido, a mulher sofre questionamentos a respeito de sua sexualidade partindo sempre da interrogativa de seguir ou não a heterossexualidade ou então ser exaltada não pela competência de habilidades esportivas, mas sim por características corporais que remetem a beleza e ainda a comparação sempre com o futebol executados por homens, ao passo de não identificar estrelas reais da futebol feminino.

Diante toda a pesquisa feita para desenvolver esse trabalho de revisão da bibliografia disponível, podemos constatar conforme atesta Goellner (2005), que o futebol feminino no Brasil vive ainda um momento de total descrédito em relação às condições e infraestrutura necessárias para o mínimo de organização de clubes e competições oficiais, sendo praticamente inexistentes as políticas públicas e privadas direcionadas ao incentivo ao público feminino interessado no futebol.

Apesar das recentes conquistas da seleção brasileira de futebol feminino, como as medalhas de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim em 2008, do vice-campeonato mundial também em Pequim em 2007 e da medalha de ouro nos Jogos Panamericanos do Rio de Janeiro em 2007, os dirigentes do futebol ainda não se sensibilizaram com as precárias condições vivenciadas por estas atletas que mereceriam viver com dignidade e se sustentar como profissionais do futebol.

Constou-se que outro fator que contribui para a precariedade do futebol feminino no país refere-se aos meios de comunicação. Tendo como referência a televisão, em geral o espaço dedicado à modalidade nos canais de maior audiência restringe-se às competições envolvendo a Seleção Brasileira e nos últimos dois anos à cobertura de torneios de curta duração com a participação do Santos Futebol Clube, notadamente em função da contratação temporária da atleta Marta por este clube antes de abandonar o futebol feminino. Essa visibilidade televisiva precária da mulher

no futebol nos remete a falta de reconhecimento da mídia e assim da população no geral, pois notamos que quando se refere ao futebol feminino muitas vezes se acompanha comentários descabidos, carregados de machismos e quase sempre vindo de homens, que ainda dominam a narração e comentários dos jogos transmitidos.

O baixo incentivo e pouco investimento é fator que constitui a base do futebol feminino. Se a trajetória de grandes nomes do futebol masculino teve início, em sua maioria, já na infância, não podemos dizer o mesmo da modalidade feminina. Com baixo incentivo, a prática futebolística é pouco disseminada para elas, os resultados são poucos centros de prática voltados para o público feminino, poucas meninas nas escolas de futebol, e, conseqüentemente, menos esperança de um esporte igualitário. Partindo desse fator, a questão de desigualdade no esporte não é atual, salários, incentivo e a valorização que é dada aos atletas difere quando se trata de homens e mulheres, mesmo com anuncio de mudanças a exemplo da CBF que noticiou a da medida de igualar as diárias das seleções femininas com a da masculina, os resultados recentes ainda mostram muitos resquícios de insatisfação e desmotivação por parte das atletas, que muitas ainda hoje não possuem reconhecimento e valorização devidas, nem financeiramente e nem profissionalmente.

Podemos ainda considerar uma das principais raízes do problema, a base de tudo, o papel do professor de Educação física na desmitificação ainda na infância que futebol não é “coisa para mulher”.

Foi constatado que não é o futebol em si que está errado, mas a forma como ele vem sendo desenvolvido ainda por alguns professores. De fato, se o desenvolvimento de técnicas e táticas for primordial nas aulas, a participação feminina será sempre mínima. As meninas não possuem incentivo para o esporte durante a infância, não jogam bola, não sobem em árvores, não correm, ou seja, não realizam quando pequenas nenhuma atividade que beneficiará sua inserção ao esporte. Basta observar os brinquedos e as brincadeiras que permeiam a infância feminina fazendo com que a sociedade as identifique como fracas e inábeis ao esporte, principalmente no futebol. Utilizou-se as palavras dessas autoras para compreender o significado da exclusão nas aulas: "Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos

habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas" (SOUSA; ALTMANN, 1999).

Partindo e analisando a questão feminina, cabe ao professor oferecer oportunidades para que as meninas venham usufruir da cultura corporal, isto é, jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas. Assim, é fundamental que o futebol esteja presente no cotidiano feminino. De acordo com Sousa e Altmann (1999), a escola também constrói cultura; se por um lado os valores culturais afastam as meninas do futebol, é possível criar propostas pedagógicas para que as mudanças aconteçam e valores sejam ressignificados. Oliveira (1996) acredita que o professor de Educação Física seja a chave principal para que diversas questões venham ser debatidas nas aulas, pois dependendo da sua postura, da sua visão e opinião, poderá influenciar na formação dos alunos, criando condições justas e iguais para que cada um possa se desenvolver e experimentar diversas formas de movimentos corporais, a fim de que aprendam a lidar com as diferenças, discuti-las e interpretá-las no universo das aulas. Com isso o ideal seria que mesmo com todas as mudanças e avanços, os educadores continuassem cada vez mais a investir numa base que não desestimulassem as meninas e sim as incentivassem a conhecer o futebol feminino no nosso país e a valorizar as conquistas das mulheres desse meio que lutam ainda hoje por oportunidades e reconhecimento, garantindo assim que algumas dessas meninas tivessem o encorajamento necessário desde a infância, para arriscar carreira no esporte.

Apesar de existir muitos estudos e artigos relatando as dificuldades e realidades enfrentadas pelas mulheres para adentrar a visibilidade no futebol, há uma deficiência ainda muito grande em encontrar materiais seguros e com informações concretas, tal qual como das estruturas que compõe o futebol feminino e como ele se subdivide, como por exemplo como é a situação do futebol feminino nas diferentes regiões do país e se existem competições específicas nessas. Carência essa que dificultou a coletânea de dados para completar ainda mais tal revisão.

Os estudos deveriam ser realizados anualmente atualizando o cenário, mostrando assim cada vez mais o interesse da comunidade científica de conhecer e reconhecer o valor do futebol feminino, que meio a tantos obstáculos vem crescendo, aumentando sua popularidade e visibilidade na mídia de pouco a pouco.

Finalizando as constatações por meio de tal estudo, podemos enumerar os resultados obtidos dos fatores que corroboram para os desafios enfrentados pela mulher nesse esporte dominado por homens:

- 1ª Preconceito e Erotização do corpo da mulher;
- 2º Falta de condições e Infraestrutura;
- 3º Falta de visibilidade através dos meios de comunicação;
- 4º O baixo incentivo e pouco investimento;
- 5º Deficiência ainda na base educacional da Educação Física na infância.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se através deste estudo o quadro teórico dos desafios e a realidade encontrados no futebol feminino, em específico destacando o preconceito existente a partir das raízes culturais e históricas dentro da nossa sociedade. Sabe-se ainda que o preconceito está diretamente ligado com a ideia pré-concebida de que a mulher é "reprodutora" e "dona do lar", sendo esses adjetivos e funções uma grande barreira para que a mesma possa praticar o futebol. É possível também destacar a importância de desconstruir o mito do sexo frágil, o mesmo é de tal maneira bastante determinante no que tange a reprodução de condutas sexistas, as quais contribuem na discriminação com relação à participação feminina em alguns casos no âmbito social. O surgimento deste mito se revelou principalmente por conta dos últimos três séculos, em que partiu do princípio da mulher frágil, senhora da casa, mãe de família, sendo protegida pelo homem forte trabalhador (MARTIN, 2006, p. 24).

A realização deste estudo nos possibilitou concluir que nos últimos anos houve uma diminuição dos preconceitos de gênero em relação ao futebol feminino, mesmo que casos ainda sejam noticiados recentemente. Mas, apesar dessa maior aceitação social, ele ainda é um esporte colocado à margem dos clubes, das federações e de outros órgãos responsáveis, pelo baixo incentivo e pelo pouco investimento, onde reverter essa situação seria uma solução plausível gerando uma consequência de boas oportunidades para as desportistas, que teriam a chance de alcançar lugares mais altos em sua carreira (COSTA, 2006).

Outra estratégia de reverter o quadro de dificuldades seria a maior visibilidade e apoio da mídia televisiva, onde surgiriam maiores investimentos e conseqüentemente a melhora nas condições e infraestruturas para as atletas. Assim, se o esporte se traduz como um importante elemento para a promoção de uma maior visibilidade das mulheres no espaço público e se, ao longo da história do esporte nacional, houve a projeção de vários talentos esportivos femininos, vale registrar que essas conquistas resultam muito mais do esforço individual e de pequenos grupos de mulheres, do que de uma efetiva política nacional de inclusão das mulheres no âmbito do esporte e das atividades de lazer. É também preciso o apoio e incentivo de diversas instituições desportivas, as quais cumprem o papel muito importante na valorização dos praticantes no esporte, como também no meio em que vivem, tendo a principal função

de diminuir ou até mesmo buscar um fim ao preconceito relacionado com as mulheres por conta da prática do futebol (GOELLNER, 2005).

Pode-se dizer que é preciso ainda quebrar muitas barreiras e ultrapassar obstáculos, os quais limitam e diferenciam o futebol masculino do feminino, em termos de investimentos, preconceito, apoio e incentivo. É preciso uma colaboração geral, um maior esforço por parte de todos, para que o futebol feminino, seja respeitado e tenha um respaldo em nosso país.

O início dessa reconstrução pode iniciar nas escolas, onde são dados os primeiros passos para educação, como também aliado aos mais diversos centros de esportes, analisando a habilidade e desenvoltura de cada indivíduo para o seu esporte em específico. Ao considerar que os alunos quando ingressam na escola já estão revestidos de valores adquiridos em outros grupos sociais, concluímos que reverter à situação não é uma tarefa fácil para os professores. Todavia, o professor de Educação Física deve discutir através do futebol a situação da mulher na sociedade e mostrar aos alunos todos os preconceitos que existem em torno desta prática cultural. Sendo assim, vimos que a finalidade do futebol nas aulas Educação Física não consiste na formação de jogadoras habilidosas, mas sim em conscientizar meninos e meninas de que o futebol é para todos, independentemente das habilidades motoras, sexo, raça ou cor, pois se o Brasil é o país do futebol e o mundo inteiro reconhece isso, as mulheres também são brasileiras (VIANA, 2008).

Neste contexto é importante dizer que, com relação ao futebol feminino, essa ideia da fragilidade feminina, funciona como uma barreira ao firmar a crença de que o esforço físico seria inapropriado para servir como proteção da feminilidade da mulher "normal". Ao se tratar do Brasil, um país do futebol, a modalidade esportiva está ligada diretamente à identidade nacional, o que de tal forma é primordial pensar o quanto, este esporte pode atingir também o espaço feminino, que mesmo com as atuais conquistas e ganho de uma certa visibilidade nacional, ainda tem um longo caminho a percorrer para vencer esses obstáculos por meio das soluções expostas acima.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A.C; MARQUES, G.M.B. **Os Caminhos Das Mulheres: Um Recorte Histórico Para Legitimar As Questões De Gênero**. Campo Grande, UCDB - EDUCERE 2015. Disponível em:< https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16908_8877.pdf> Acesso em: 04 ago. 2021.
- ARAÚJO,N.F. **Futebol Feminino E Suas Representações: Revisão Narrativa Sobre Dificuldades Relacionadas A Prática Do Futebol**. UFPE: Recife 2018. Disponível em:< <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/693>> Acesso em: 04 ago. 2021.
- AZUBEL, Diego. **CBF confirma contratação de Pia Sundhage para comandar a seleção feminina**. EFE, Rio de Janeiro, 25 de jul. de 2019. Disponível em:< <https://www.efe.com/efe/brasil/esportes/cbf-confirma-contrata-o-de-pia-sundhage-para-comandar-a-sele-feminina/50000244-4030772>>. Acesso em: 04 ago. 2021.
- BORGES, C.N.F; LOPES, S.M; ALVES; C.A. **Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino**. Movimento -Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 105-131, janeiro/abril de 2006. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2893>> Acesso em: 04 ago. 2021.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941**. Rio de Janeiro: Senado Federal, 1941. Disponível em:< <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 04 ago. 2021.
- BROCH, M. **Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero**. Universidade de Passo Fundo – UPF,2020. Disponível em:< <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283>> Acesso em: 04 ago. 2021.
- COSTA, M.G.B. **Perspectivas Para O Futebol Feminino: Um Estudo A Partir Do Pelotas/Phoenix**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo. v.8. n.31. p.379-386. Jan./Dez. 2016. ISSN 1984-4956. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/502/377>>. Acesso em: 04 ago. 2021.
- CHAVEZ, Alex Sandro. **O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social**. 2007. Disponível em:< www.efdeportes.com/ef111/ofutebol-feminino.html >. Acesso em: 04 ago. 2021.

DARIDO, S. C. **Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica.** Rio Claro: Motriz, 2002. v. 8, n. 2, p. 6-15. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/274129_Darido.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2021.

DOS SANTOS, I.A; OLIVEIRA, A.F; WICHI, R.B. **As formas de preconceito no futebol feminino. UFS, Sergipe: 36º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS GT09 – Esporte e Sociedade DISCURSOS HEGEMÔNICOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL, 2012.** Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd180/preconceito-no-futebol-feminino.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

ESTADÃO CONTEÚDO. **Com apoio da CBF, mulheres assumem o comando do futebol feminino no Brasil.** Istoé, São Paulo, 04 de out. de 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/COM-APOIO-DA-CBF-MULHERES-ASSUMEM-O-COMANDO-DO-FUTEBOL-FEMININO-NO-BRASIL/>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

FIGUEIREDO, Lucas. CBF equipara diárias e premiações pagas às Seleções Brasileiras. **Site Oficial CBF/ Seleção Feminina Principal. 02 de set. de 2019.** Disponível em:< <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

GAZETA ESPORTIVA. **CBF anuncia nova divisão do futebol feminino a partir de 2022.** Gazeta Esportiva. São Paulo, 18 de mai. de 2021. Disponível em:< <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-feminino/cbf-anuncia-nova-divisao-do-futebol-feminino-a-partir-de-2022/>> Acesso em: 04 ago. 2021.

GOELLNER, S.V. **Mulher E Esporte No Brasil: Entre Incentivos E Interdições Elas Fazem História.** Pensar a Prática 8/1: 85-100, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/106/101>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

GLOBO ESPORTE. A História Do futebol Feminino No Brasil. Interativo Globo Esporte, 2019. Disponível em:< <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

JÚNIOR, O.M.S; REIS, H.H.B. Discursos hegemônicos e representações sociais do futebol feminino no Brasil. GT09 – Esporte e Sociedade, 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2012. Disponível em:< <http://www.anpocs.org/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt09-2/7942-discursos-hegemonicos-e-representacoes-sociais-do-futebol-feminino-no-brasil>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SEABRA JR, L. **O Futebol Feminino no país do futebol.** Movimento & Percepção, v. 10, p. 3-3, 2009. Disponível em:< <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/include/getdoc.php?id=677&article=242&mode=pdf>> Acesso em: 04 ago. 2021.

LESSI, P.G. **“Futebol feminino: elas também fazem gol.”**. UFPR: Paraná, 2010. Disponível em:<

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_utfpr_edfis_artigo_paulo_galeb_lessi.pdf> Acesso em: 04 ago. 2021.

LONDE, C.B.M. **Futebol De Mulheres No Brasil: Uma Análise Histórica, Político-Jurídica, Social E Econômica Do Cenário Nacional E Internacional.** Revista Horus - ISSN: 1679-9267. Disponível em:<

<http://periodicos.estacio.br/index.php/revistahorus/article/view/4087>> Acesso em: 04 ago. 2021.

LOVISOLO,H; SOARES;A.J; BARTHOLO;T.L. **Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas.** Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 165-191, setembro/dezembro de 2006. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2914>> Acesso em: 04 ago. 2021.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: A Diferença Que Faz Uma Medalha De Prata.** Pensar a Prática 10/1: 69-81, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/33360>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

MOURÃO, L.; MOREL, M. **As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, p. 73-86, 2005. Disponível em:<

<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/148>> Acesso em: 04 ago. 2021.

NETO, J.J.O.; SANTOS, R.R.M. **Caminhos E Desafios enfrentados No Futebol Feminino No Brasil.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143- 51, abr./jun. 2003. Disponível em:

<<http://brutus.facol.com/plataforma/assets/uploads/base/publicados/5c43ccce4b7d740194ee021d42e35977.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

NUNES, Maíra. **Semana da Mulher: veja conquistas femininas no esporte em 2017/18.** Correio Brasiliense. 12 de mar. De 2018. Disponível em:<

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/conquistas-femininas-esporte/>> Acesso em: 04 ago. 2021.

PERES, W.P. **Atividade olímpica, poder, comportamento, sexo, imagem corporal. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades.**

Universidade de São Paulo – USP, 2004. Disponível em:<

<http://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf>> Acesso em: 04 ago. 2021.

ROMERO, E. **Construção e reprodução da masculinidade e da feminilidade no esporte pela mídia escrita.** In: ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. B. Universo do corpo: masculinidades e O Futebol Feminino Motriz, Rio Claro, v.17, n.1, p.117-127,

jan./mar. 2011 127 feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 333-385. Disponível <<https://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a11v17n1>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

RIMOLI,C. Porca com suéter. CBF se cala diante de ofensa a Barbara. Esportes R7. 26 de jul. de 2021. Disponível em:< <https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/porca-com-sueter-cbf-se-cala-diante-de-ofensa-a-barbara-26072021>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SALVINI,L.; JÚNIOR,W.M. **“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro.** Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo) 2016 Abr-Jun; 30(2):30311. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/305111079_Guerreiras_de_chuteiras_na_luta_pelo_reconhecimento_relatos_acerca_do_preconceito_no_futebol_feminino_brasil>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SANTANA,C. **Baixo incentivo e pouco investimento: a base do futebol feminino no Brasil.** Jornalismo Junior.12 de jun.de 2019. Disponível em:< <http://jornalismojunior.com.br/baixo-incentivo-e-pouco-investimento-a-base-do-futebol-feminino-no-brasil/>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SARDINHA, E.M. **A Estrutura Do Futebol Feminino No Brasil.** Revista Hórus, v. 6, n. 1, p. 92-110, 2011. Disponível em:< <http://periodicos.estacio.br/index.php/revistahorus/article/view/4087>>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

TEYKAL,C.M; COUTINHO,L.R. **O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho.** *Psico*, v. 38, n. 3, pp. 262-268, set./dez. 2007. Disponível em:< <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2888>> Acesso em: 04 ago. 2021.

UOL ESPORTES. **Recordes e conquistas do futebol feminino brasileiro.** Uol Esporte. 08 de jun. de 2021. Disponível em:<https://cultura.uol.com.br/esporte/noticias/2021/06/08/1139_recordes-e-conquistas-do-futebol-feminino-brasileiro.html> Acesso em: 04 ago. 2021.

VIANA, A.E.D.S. **Futebol: Das Questões De Gênero À Prática Pedagógica.** Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 640-648, jul. 2008. Disponível em:< <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637864>> Acesso em: 13 de set. 2021.

ZANETI,A.M. **Futebol de salto alto: uma abordagem sobre a prática do futebol feminino por meio de práticas pedagógicas condutoras ao uso de tecnologias da informação.** UNESP. Disponível em:<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2126-8.pdf>> Acesso em:04 ago. 2021.